

Conectados com a Gente

Colégio Estadual Cívico-Militar Professor Francisco Villanueva – Ano IV – Nº 23 – 31 de maio de 2024

Equipe Sênior



VOZES

FEMININAS

NA MPB

EDITORIAL

A Música Popular Brasileira, surgida na década de 60, é uma fusão de gêneros tradicionais brasileiros como o samba e a bossa nova com influências internacionais, como o rock, o soul e o jazz. É uma expressão cultural que captura a essência do Brasil, refletindo suas complexidades, emoções e histórias.

Nesta edição especial, escolhemos fazer um recorte significativo, destacando as biografias de algumas das mais emblemáticas vozes femininas que não apenas fizeram história, mas também moldaram e continuam a influenciar a MPB.

Nara Leão, a musa da bossa nova, Ângela Maria, ícone do samba-canção e da música romântica, Simone, a Cigarra da MPB, Marisa Monte, a elegante e versátil cantora, Maria Bethânia, a voz poderosa e engajada, e Elis Regina, a Pimentinha, são alguns dos grandes nomes que estão presentes nas próximas páginas.

Estas artistas não são apenas cantoras, são verdadeiras cronistas do Brasil, que, através de suas vozes e músicas, capturam e eternizam a alma de uma nação. Através deste recorte, esperamos proporcionar um vislumbre das contribuições inestimáveis dessas mulheres à música e à cultura brasileira, celebrando sua capacidade de emocionar, inspirar e transformar gerações.

Conectados com a Gente!

SUMÁRIO

03	Elizeth Cardoso: a Divina voz da Música Popular Brasileira		Marcelo Cristiano Acri
05	Ângela Maria: a eterna e maravilhosa Rainha do Rádio		Marcelo Cristiano Acri
07	Pimentinha, o tempero que faltava na música brasileira		Cecília Valentine de L. Carreiro de Souza
10	Nara Leão: a grande Musa da Bossa Nova		Gessiely Aparecida Sperandio
12	Rainha da MPB e expressão de pura filosofia		Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga
15	Gal Costa: a voz representativa do samba e da Tropicália		Gessiely Aparecida Sperandio
17	De “Morena de Angola” ao “Mar serenou”, Clara Nunes em um mar de música e cultura		Sofia Vitória Lopes
20	Simone, a potente Cigarra da MPB		Marcelo Cristiano Acri
22	Marisa Monte, a versatilidade e a elegância da MPB		Gessiely Aparecida Sperandio
24	Adriana Calcanhotto, a poesia em forma de canção		Marcelo Cristiano Acri
26	Ana Carolina, a voz que transborda emoção		Gessiely Aparecida Sperandio

EXPEDIENTE

Direção: Prof.^a Neuza A. Petrin Schuster - Colégio Estadual Cívico-Militar Professor Francisco Villanueva.
Organização e Revisão: Prof. Marcelo C. Acri, Prof.^a Gessiely A. Sperandio e Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga.
Diagramação: Prof. Marcelo C. Acri.
Capa: Imagem criada no Canvas IA.
Design de capa: Cecília V. de L. C. de Souza, Marcio V. de M. de Alvarenga, Sarah G. de Freitas, Sofia V. Lopes.
Equipe de alunos:
Ágatha Rafaela Martins e Mel Emanuele Coutinho (7º ano); Igor Gasparotto (8º ano); Julia Rodrigues dos Santos da Silva, Rafael de Aquino Nieto e Sarah Guimarães de Freitas (9º ano); Cecília Valentine de Lima Carreiro de Souza, Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga e Sofia Vitória Lopes (1º ano).

Elizeth Cardoso: a Divina voz da Música Popular Brasileira

Marcelo Cristiano Acri



Picryl.

Carinhosamente conhecida como “a Divina”, apelido dado a ela por Haroldo Costa, um dos grandes nomes do teatro e da televisão brasileira, Elizeth Cardoso possuía um imenso talento e um enorme carisma. Ela é considerada uma das grandes vozes da Música Popular Brasileira (MPB) e sua carreira é marcada por grandes interpretações e colaborações com outros músicos renomados.

Elizeth Cardoso Valdez nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1920, e faleceu em 07 de maio de 1990. Foi uma cantora que nasceu próxima ao morro da Mangueira, teve um pai seresteiro e violonista e uma mãe que gostava de cantar. Sua família sempre esteve cercada de música.

Aos cinco anos, subiu no palco e cantou, junto de um pianista, a marchinha “Zizinha”. Logo cedo esteve perto de ícones

da Música Popular Brasileira: em seu aniversário de 16 anos, entre os convidados estavam Pixinguinha, Dilermando Reis e Jacob do Bandolim.

Iniciou sua carreira na Rádio Guanabara, por intermédio de Jacob do Bandolim, participando do “Programa Suburbano”, ao lado de Aracy de Almeida, Vicente Celestino, Moreira da Silva, Noel Rosa e Marília Batista. Logo em seguida, foi contratada pela rádio.

Depois, passou a trabalhar na Rádio Educadora, no programa “Samba e outras coisas”, apresentado pelos irmãos Marília e Henrique Batista. Também trabalhou na Rádio Transmissora, na Rádio Mayrink Veiga (junto de Dorival Caymmi).

Em 1939, começou a fazer shows em circos, clubes e cinemas. Em 1948, foi contratada pela Rádio Mauá, apresentando-se no programa “Alvorada da Alegria”.

Em 1949, Ataulfo Alves ajudou-a a gravar seu primeiro disco, pela gravadora Star, cantando com a orquestra de Acir Alves os sambas “Braços vazios”, de Acir Alves e Edgard B. Alves, e “Mensageiro da saudade”, de Ataulfo Alves e José Batista.

Seu primeiro sucesso só ocorreria em 1950, com o segundo disco, lançado pela gravadora Todamérica, cantando “Canção de amor”, de Chocolate e Elano de Paula, e “Complexo”, de Wilson Batista. Em 1951, participou do primeiro programa da TV Tupi, do Rio de Janeiro.

Excursionou no Uruguai. De volta ao Brasil, atuou na Rádio Record. Participou da gravação história da “Sinfonia do Rio de Janeiro”, de Tom Jobim e Billy Blanco, com arranjos de Radamés Gnattali, ao lado de Dick Farney, Emilinha Borba e Gilberto Milfont.

Quando Carmen Mirando visitou o Brasil, dizem que, ao voltar para seu país, afirmou ter conhecido uma mulher “que canta pra chuchu”.

Durante os anos seguintes, gravou muitas canções que são parte da história da MPB, do samba e de outros gêneros como bolero e beguine. São inúmeras as músicas que marcaram sua carreira: “Canção do amor demais” (Tom Jobim e Vinícius de Moraes), “Chega de saudade” (João Gilberto), “Manhã de carnaval” (Luiz Bonfá), “Feitiço da Vila” (Vadico e Noel Rosa), “Chão de estrelas” (Sílvio Caldas e Orestes Barbosa), “Carolina” (Chico Buarque), “Foi um rio que passou em minha vida” (Paulinho da Viola), “Carinhoso” (Pixinguinha e João de Barro), “No rancho fundo” (Ary Barroso), “Naquela mesa” (Sérgio Bittencourt) e “Na cadência do samba” (Ataulfo Alves).

Em 12 de outubro de 1964, no Teatro Municipal de São Paulo, sob a regência de Diogo Pacheco, interpretou “Bachianas brasileiras nº 5”, de Villa-Lobos. Décadas depois, realizou shows no Japão. Elizeth destacou-se como intérprete de sambas, por isso, ficou conhecida como a musa do samba, do samba-canção e da bossa nova.



Booker Pittman, Nat King Cole e Elizeth Cardoso, 1959.

Ângela Maria: a eterna e maravilhosa Rainha do Rádio

Marcelo Cristiano Acri

Abelim Maria da Cunha, que adotou o nome artístico Ângela Maria, nasceu em 13 de maio de 1929, em Macaé (RJ) e cresceu envolta na música. Filha de pastor, desde cedo frequentava os cultos evangélicos, nos quais a música sacra reinava, o que marcou profundamente sua formação musical. Foi essa base que lhe conferiu a habilidade vocal que a tornaria uma das maiores cantoras do Brasil.

Durante a adolescência, Ângela mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Apesar das dificuldades financeiras, seu talento inato para o canto não passou despercebido. Trabalhando em uma fábrica de lâmpadas para ajudar nas despesas de casa, ela aproveitava as noites para participar de programas de calouros. Foi em um desses programas que sua vida mudou para sempre. Ao cantar, chamou a atenção de radialistas e produtores musicais, iniciando sua jornada rumo ao estrelato.

No início dos anos 1950, começou a se destacar no cenário musical brasileiro. Seu primeiro grande sucesso veio com a música “Não tenho você”, e logo em seguida, a consagração veio com “Babalu”, que se tornou um de seus maiores hits. Sua voz potente, capaz de alcançar notas altas com uma clareza cristalina, e seu estilo emotivo a tornaram uma das cantoras mais populares do país.

A década de 1950 foi a Era de Ouro do rádio no Brasil e Ângela Maria reinou soberana. Ganhou o título de “Rainha do Rádio” em 1954, uma honra que refletia seu imenso sucesso e popularidade. Sua capacidade de emocionar o público com interpretações intensas e apaixonadas fez dela um ícone da música popular brasileira. Canções como “Gente humilde” e “Cinderela” marcaram essa fase de sua carreira.

O seu talento não se limitava aos estúdios de gravação: suas apresentações ao vivo eram espetáculos de emoção e técnica vocal. Ela se apresentava nos principais palcos do Brasil, sempre com casas lotadas. A intensidade



Direitos: Creative Commons.

com que interpretava cada canção e a maneira como se entregava ao público criaram uma conexão única e duradoura com seus fãs.



Direitos: Creative Commons.

demonstrou uma força e resiliência admiráveis. Sua paixão pela música e pelo palco nunca diminuiu, mesmo em momentos difíceis. Ela continuou a se apresentar e a gravar até o final de sua vida, sempre com a mesma dedicação e amor pela arte.

Ângela Maria faleceu em 29 de setembro de 2018, aos 89 anos, deixando um legado inestimável para a música brasileira. Sua contribuição para a cultura do país é imensurável e sua influência pode ser vista em diversas gerações de cantores que seguiram seus passos. A Rainha do Rádio pode ter partido, mas sua voz continua a ecoar, embalando corações e contando histórias de amor e saudade.

A sua trajetória é uma celebração da música brasileira. Sua voz, repleta de emoção e técnica, transformou canções em hinos, marcando momentos importantes na vida de muitas pessoas. Seu talento, dedicação e paixão pela música fizeram dela uma das maiores cantoras que o Brasil já teve, uma verdadeira lenda que será sempre lembrada com carinho e admiração.

Assim, Ângela Maria permanece viva na memória cultural do Brasil, uma estrela que brilha intensamente no firmamento da música popular. Sua história é uma inspiração para todos aqueles que sonham em seguir o caminho da arte, lembrando-nos de que, com talento e perseverança, é possível superar qualquer obstáculo e alcançar a imortalidade através da música.

Na televisão, também brilhou: participou de inúmeros programas musicais, levando sua voz a uma audiência ainda maior. Sua presença marcante e seu carisma a tornaram uma figura querida e respeitada na mídia. Nos anos 1960 e 1970, mesmo com o surgimento de novos estilos musicais e artistas, ela manteve sua relevância, adaptando-se aos tempos sem jamais perder sua essência.

A longevidade da carreira de Ângela Maria é um testemunho de seu talento e versatilidade. Gravou mais de 100 discos ao longo de sete décadas, transitando por diversos gêneros musicais, do samba-canção à bossa nova, passando pelo bolero e pela música romântica. Sua voz inconfundível e sua habilidade de se reinventar garantiram-lhe um lugar permanente no coração dos brasileiros.

Além de sua carreira artística, teve uma vida pessoal marcada por altos e baixos, incluindo desafios financeiros e questões de saúde. No entanto, sempre

Pimentinha, o tempero que faltava na música brasileira

Cecília Valentine de Lima Carreiro de Souza



Analisando Elis Regina – Falso Brilhante: [Facebook](#).

Ela ganha quinze milhões por mês e eu, dois e meio. O trivial da casa será mantido por mim. O luxo, por ela.” Teve seu primeiro filho, João Marcelo, em 1970, com Ronaldo.

Usando de instrumentos eletroacústicos e tendo maior controle vocal, foi em 1971 que a cantora assumiu um tom mais engajado, além de dar espaço para compositores como Belchior, Ivan Lins e a dupla João Bosco & Aldir Blanc. Foi também quando Elis conheceu César Camargo Mariano, pianista e arranjador.

Em 1972, Elis e Ronaldo se separam oficialmente depois de várias quebras e reconciliações. Dois anos após a separação, Elis juntou-se a César Camargo, indo morar em São Paulo, no bairro do Brooklin. Juntos, tiveram dois filhos: Pedro Marino e Maria Rita, com três anos de diferença um do outro. Após nove anos de casados, Elis se separou

Bem, e que tempero é esse? Apelidada de Pimentinha, Elis Regina, a gaúcha que marcou a música brasileira, nasceu em Porto Alegre, no dia 17 de março de 1945. Sua carreira musical começou ainda na infância, quando participou de um programa de rádio onde ganhava um cachê por sua participação. Já mais velha, começou a trabalhar nessa mesma rádio como secretária do programa “Clube do Guri”, apresentado por Ary Rego: sua função era de ler recados e nomes de aniversariantes e apresentar os candidatos – claro que cantava.

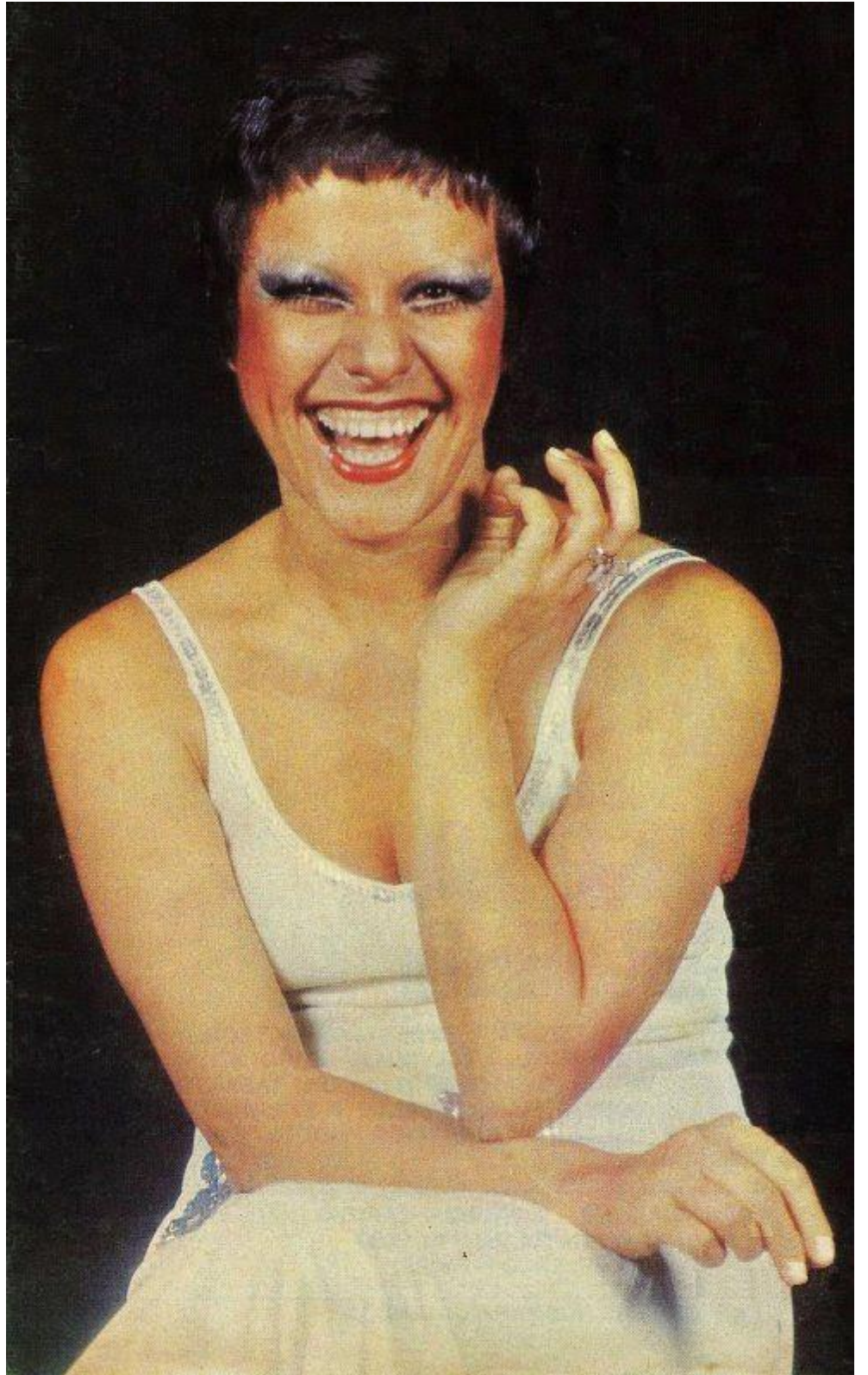
No fim dos anos 60, ela buscou mudar seu estilo, indo e vindo entre vários gêneros musicais, como o pop, o rock e o soul, chegou até mesmo a cantar Beatles e Roberto Carlos, retrato de um gênero que combateu anos antes, com a “Marcha contra a Guitarra Elétrica”.

Casou-se aos 22 anos de idade, no civil, com Ronaldo Bôscoli, seu primeiro marido que era 16 anos mais velho (“panela velha é que faz comida boa, não é?”). Dois dias depois, foi realizada a cerimônia religiosa na Capelinha Mayrink, Floresta da Tijuca (RJ). O discurso de seu marido na época era: “não sou rico, mas estou bem.

de César. A cantora morreu em 19 de janeiro de 1982, com 36 anos. Morreu jovem, mas deixou um grande legado na história da música.

Aparecendo em primeiro lugar nas listas de músicas mais ouvidas, “Águas de março” foi a canção mais ouvida em 1974, na qual há a junção das vozes de Elis e Tom Jobim, compositor da música. Também ficou em décimo lugar na versão do álbum em 1972, sendo considerada a música mais famosa da cantora.

Em 2005, apresentado pelo canal a cabo Globo News, a cantora foi tema do programa “Arquivo N”. Já em 2013, no Teatro Oi Casa Grande (RJ), quando entrou em cartaz o espetáculo “Elis, A Musical”. Então, em 2016, foi lançada sua cinebiografia: “Elis”. O filme visa remontar a sua trajetória na música desde a sua adolescência até sua morte, entretanto, não abordou com profundidade o uso de drogas e a relação com a ditadura militar, que, de acordo com a crítica especializada do portal Adoro Cinema, foram abrandados para evitar polêmica. Apesar de ser reconhecido como o Melhor Filme Brasileiro na 46ª Mostra de São Paulo, teve muitas críticas do público por não captar tão bem a essência da cantora e por esperarem mais do filme, o considerando “raso” e que merecia mais.



OP+.

E em 2018, foi produzida pela TV Globo uma minissérie com cenas documentais e a inclusão de depoimentos da cantora Rita Lee a partir das cenas do filme “Elis”. A obra foi exibida em quatro capítulos. Apesar de todas essas obras em sua homenagem, nenhuma chegou perto de sua última biografia, lançada em 2019, por seu filho, João Marcello Bôscoli: o livro “Elis e eu – 11 anos, 6 meses e 19 dias com minha mãe”, na Livraria da Vila, em São Paulo. A biografia conta as suas experiências com sua mãe e os bastidores do envolvimento da cantora com as drogas até seus últimos dias de vida. A crítica especializada julgou que as outras biografias feitas de Elis não iriam tirar o valor da biografia lançada em 2019, dado que o livro não se prende aos acontecimentos cronológicos, mas se caracteriza como um relato pessoal e íntimo de uma testemunha ocular da vida e de parte da trajetória da cantora.

Além de marcar inúmeros brasileiros com sua voz e canções, Elis também marcou o gênero MPB (Música Popular Brasileira). De acordo com a pesquisadora Rafaela Lunardi (Universidade de São Paulo), a cantora contribuiu para o estabelecimento do gênero musical aqui no Brasil: “Nos anos 60, ela foi uma espécie de porta-estandarte da música brasileira, e posteriormente, uniu o samba, o baião, a bossa nova e a marcha ao pop, o rock e o soul, passando por todas as fases e dialogando com as diversas demandas do mercado de música no Brasil”. Orientada pelo seu

professor, Marcos Napolitano, Rafaela Lunardi apoiou-se em todos os discos da cantora (álbuns completos, compactos simples e duplos), materiais audiovisuais (DVDs e vídeos disponíveis na internet), artigos de imprensa (jornais, revistas e web) para poder produzir seu trabalho sobre Elis Regina. “Busquei o maior número de gravações da época, além de ter feito uma ampla pesquisa em arquivos da cidade de São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Porto Alegre e Curitiba por matérias escritas sobre ou por Elis, ou de eventos de que tenha participado”, relata.

E quando saiu do Rio Grande do Sul e foi para o Rio de Janeiro, cantou no famoso Beco das Garrafas, em Copacabana. No ano seguinte, já tinha se tornado uma das maiores estrelas do país, graças ao programa O Fino da Bossa, da TV Record. “Nessa fase, Elis seguia uma linha mais ‘vozeirão’, cantando em alto volume, abusando de efeitos e ornamentos vocais, acompanhada de arranjos orquestrais com metais proeminentes e com repertório mais ligado às questões do morro e do sertão”, diz Rafaela.

Nesse tempo, Elis foi muito criticada por nomes como Augusto de Campos e Júlio Medaglia. “Ambos, adeptos da modernidade musical e tributários da Bossa Nova, afirmavam que Elis ajudava a promover o subdesenvolvimento da música popular brasileira ao cantar e apresentar-se de forma muito entusiástica, ao estilo carnavalesco”, explica a pesquisadora.

“Surpreendeu-me muito perceber que a Elis Regina que cresci ouvindo e que continua tocando nas rádios é aquela da fase final de sua vida e carreira, a Elis engajada na luta contra a Ditadura Militar, da luta pela Anistia, de “Como nossos pais” e “Romaria”. Essa é, sobretudo, a memória que se guarda da cantora nos dias de hoje, pela qual se tornou icônica e monumentalizada, diz a historiadora. “Outras fases de sua carreira acabam sendo esquecidas. A não ser os contemporâneos a Elis, poucos conhecem, por exemplo, sua fase pop-rock, cantando Beatles”, lembra Rafaela.

Apesar de tantas homenagens e reconhecimentos que Elis Regina recebeu, sua história acaba sendo esquecida. A cantora acaba por cair no esquecimento, mesmo que suas músicas permaneçam, como “Tiro ao Álvaro”. Há muita gente que não sabe quem é a voz por trás da letra. Devemos dar mais valor à nossa cultura e sua luta no passado pelo que temos hoje e valorizar isso: não vitimizar, mas sim valorizar.



Nara Leão: a grande Musa da Bossa Nova

Gessiely Aparecida Sperandio



Direitos: Creative Commons.

Em 1964, lançou seu primeiro álbum, intitulado “Nara”, que imediatamente chamou a atenção pela suavidade de sua voz e pela seleção cuidadosa do repertório. Este disco trazia um dos primeiros registros de “O Barquinho”, de Menescal e Bôscoli, e ajudou a consolidar a Bossa Nova como uma força dominante na música brasileira. A musa da bossa nova, como passou a ser chamada, não se limitava apenas às composições leves e românticas do movimento; sua inquietude artística a levava a explorar temas e sons diversos.

A voz doce e a postura engajada de Nara a tornaram uma figura única na música brasileira. Em meio à ditadura militar que assolava o Brasil, ela não se calou. Ao contrário, usou sua arte como forma de resistência. Seu álbum “Opinião”, de 1964, gravado ao vivo no show homônimo, era um grito de protesto contra as injustiças sociais e políticas. A interpretação de “Carcará”, canção que denunciava a opressão no sertão nordestino, tornou-se um símbolo de sua coragem e comprometimento.

Essa estrela não se prendeu a rótulos. Sua discografia é um mosaico de estilos que vai do samba ao tropicalismo, passando pelo protesto e pela música de raiz. Nos anos 70, participou do movimento tropicalista ao

lado de Caetano Veloso e Gilberto Gil, contribuindo para a renovação da música popular brasileira com seu espírito inovador e sua capacidade de absorver e transformar diferentes influências musicais.

A sua carreira internacional também é digna de nota. Nara se apresentou em diversos países, levando a música brasileira a palcos internacionais e conquistando admiradores pelo mundo afora. Sua presença em festivais e shows no exterior ajudou a consolidar a imagem do Brasil como um celeiro de talentos musicais únicos e inovadores.

Mesmo com tanto sucesso, Nara nunca perdeu sua simplicidade e autenticidade. Sua relação com os fãs era de uma proximidade e um carinho genuínos, algo que transparecia em cada apresentação. Além de cantora, era também uma exímia violonista, habilidade que muitas vezes surpreendia os críticos e encantava o público.

Nara Leão também teve uma significativa participação na televisão, onde apresentou programas musicais e especiais que ajudaram a divulgar a MPB e a revelar novos talentos. Sua versatilidade e seu talento múltiplo fizeram dela uma figura querida e respeitada não só pelos fãs, mas também pelos colegas de profissão.

Infelizmente, sua trajetória foi interrompida precocemente. Diagnosticada com um tumor cerebral, faleceu em 7 de junho de 1989, aos 47 anos. Sua partida deixou um vazio imenso na música brasileira, mas seu legado permanece vivo. As canções que ela interpretou, as causas que defendeu e a maneira como transformou a música brasileira são lembranças indeléveis de sua passagem pelo mundo.

Nara Leão deixou uma marca profunda na cultura brasileira. Seu espírito inovador, sua voz doce e suas posturas firmes em relação às questões sociais e políticas continuam a inspirar novas gerações de músicos e admiradores. A musa da Bossa Nova se foi, mas sua música ecoa eternamente, lembrando-nos do poder transformador da arte e da coragem de quem não teme seguir o próprio caminho.

Assim, a Musa permanece como uma estrela brilhante no firmamento da música popular brasileira, uma artista que soube traduzir em melodia e poesia as angústias e esperanças de um país; e cuja voz doce e inconfundível continuará a embalar nossos corações por muitas gerações.



Direitos: Creative Commons.

Rainha da MPB e expressão de pura filosofia

Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga



Marcio Vinicius de Melo de Alvarenga – DALL-E, criada em 30 de abril de 2024.

No contexto da arte, a música é a mais universal delas. Sendo uma das linguagens artísticas mais expressivas e emotivas, é capaz de unir diferentes grupos de pessoas, países e etnias, abrangendo várias culturas ao mesmo tempo.

A música é uma forma ritmada, harmoniosa e melodiosa para expressar sentimentos, ideias e emoções. Ela é uma das manifestações culturais existentes desde as antiguidades da humanidade, está presente em todas as

culturas e sociedades do mundo. Não tem uma civilização, grande ou pequena, em que não exista em sua cultura a sua própria expressão musical, pois a prática e a apreciação dessa arte não dependem de língua ou nível cultural.

A música pode ser transmitida através da voz, instrumentos musicais ou até mesmo por tudo aquilo que produz som e com qual é possível criar ritmo, harmonia ou melodia, de maneira agradável ao ouvido. A música evolui ao longo dos séculos, resultando em uma grande variedade de gêneros musicais. De acordo com o filósofo alemão Arthur Schopenhauer: “A música exprime a mais alta filosofia numa linguagem que a razão não compreende.”

Iremos falar sobre uma das maiores cantoras da Música Popular Brasileira (MPB).

Maria Bethânia

Maria Bethânia Viana Teles Veloso é uma cantora, compositora, produtora, atriz e poetisa brasileira e é também conhecida como “Abelha Rainha” ou “Rainha da MPB”.

Nascida em Santo Amaro, Bahia, no dia 18 de junho de 1946, Maria Bethânia, sexta filha de José Teles Veloso (Seu Zezinho) e Claudionor Viana Teles Veloso (Dona Canô), nasceu em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Ela é irmã do famoso cantor e compositor Caetano Veloso. Maria Bethânia mudou-se para Salvador em 1960 para estudar e, em 1963, estreou como cantora na peça “Boca de Ouro”, de Nelson Rodrigues.

No ano seguinte, participou do show “Nós, por exemplo”, ao lado de Caetano, Gal Costa, Gilberto Gil e Tom Zé, na inauguração do Teatro Vila Velha, em Salvador. Sua voz potente e singular conquistou o público, primeiro na Bahia, depois, em todo o país.

Em 1965, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde começou sua carreira musical substituindo a cantora Nara Leão no espetáculo “Opinião”. No mesmo ano, assinou contrato com a gravadora RCA e lançou seu homônimo álbum de estreia. Seu primeiro sucesso veio com a interpretação marcante da música “Carcará”, de João do Vale.

Além de “Carcará”, o álbum continha, as faixas “Mora na filosofia”, “Andaluzia”, “Feitio de oração” e “Sol negro”, essa última em dueto com Gal Costa. Ainda em 1965, Maria Bethânia lançou o compacto triplo “Maria Bethânia canta Noel Rosa”, que incluía canções como “Três apitos”, “Pra que mentir”, “Pierrot apaixonado”, “Meu barracão”, “Último desejo” e “Silêncio de um minuto”. Ela também lançou o compacto simples “Eu vivo num tempo de guerra”.

No mesmo ano, ela participou dos espetáculos “Arena canta Bahia” e “Tempo de guerra”, ambos dirigidos por Augusto Boal. Maria Bethânia se apresentou em teatros e casas noturnas em São Paulo e no Rio de Janeiro, ganhando reconhecimento nacional.

Ela foi a idealizadora do grupo “Doces Bárbaros”, que incluía Gal Costa, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Juntos, lançaram um disco ao vivo homônimo.

Em 1990, Bethânia comemorou 25 anos de carreira com o LP “25 anos”, que apresentava um repertório essencialmente brasileiro, com canções consagradas e pouco conhecidas.

O disco contou com participações especiais de vários cantores e músicos renomados, como Alcione, João Gilberto, Egberto Gismonti, Nina Simone, Fátima Guedes, Hermeto Paschoal, Sivuca, Wagner Tiso, Toninho Horta, Jacques Morelenbaum, Jaime Alem, Márcio Montarroyos, Mônica Millet e Almir Sater.

Em 2015, Maria Bethânia celebrou seus 50 anos de carreira e foi a grande homenageada da 26ª edição do Prêmio da Música Brasileira, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

No carnaval de 2016, a escola de samba Mangueira desfilou com o enredo “Maria Bethânia, a menina dos olhos de Oyá” e sagrou-se campeã do carnaval carioca.

Com mais de 26 milhões de discos vendidos, Maria Bethânia é considerada a quinta maior voz da música brasileira pela revista Rolling Stone Brasil. Sua voz potente e interpretações emocionantes conquistaram o público e influenciaram gerações de artistas.

Além de sua carreira musical, em 2023, Maria Bethânia tomou posse como um membro da Academia de Letras da Bahia (ALB), sendo assim, uma imortal da academia, pois foi reconhecida pela sua contribuição literária por meio de suas canções e interpretações marcantes.

Atualmente, Maria Bethânia está em turnê pelo Brasil e se apresenta em teatros e festivais portugueses. Sua energia contagiante e paixão pela música tornam seus shows verdadeiras celebrações musicais.

Bethânia tem uma sintonia fina com as novelas brasileiras. Suas canções já embalaram inúmeros pares românticos nas tramas da Globo.

Algumas das músicas que marcaram presença nas novelas incluem: “Coração ateu”, em Gabriela (1977 e 2012), “Um jeito estúpido de te amar”, em O Astro (1977), “Explode coração”, em Pai Herói (1979), “Tá combinado”, em Vale Tudo (1988), “Tenha calma”, em Tieta (1989), “Fera ferida”, na abertura da novela homônima (1993), “Explode coração”, em Explode Coração (1995), “Sábado em Copacabana”, em Paraíso Tropical (2007), “O que eu não conheço”, em Ti-Ti-Ti (atualmente no ar no Vale a Pena Ver de Novo), “Onde estará meu amor”, em Amor de Mãe (para o emocionante reencontro de mãe e filho).

Com mais de cinco décadas de carreira, Maria Bethânia conquistou o coração de milhares de fãs ao redor do mundo, tornando-se uma das artistas mais respeitadas e admiradas da música brasileira. Sua interpretação única e sua personalidade cativante fazem dela uma lenda viva, cujo legado continuará a inspirar gerações futuras. A “Abelha Rainha” deixou uma marca indelével na cultura musical e sua voz emocionante ecoará para sempre nas memórias e corações dos amantes da música.

Parabéns à “Rainha da MBP” por sua incrível carreira!



Foto: Jorge Bispo: [divulgação](#).

Gal Costa: a voz representativa do samba e da Tropicália

Gessiely Aparecida Sperandio



Direitos: Creative Commons.

Gal Costa, nascida Maria da Graça Costa Penna Burgos, em 26 de setembro de 1945, em Salvador (BA), é a própria encarnação do samba e da Tropicália. Com uma voz que canta a alma brasileira, ela atravessa gerações, trazendo consigo o calor do samba e a ousadia do tropicalismo.

Foi na Bahia, terra do samba de roda e dos ritmos ancestrais, que Gal começou a desenhar sua história musical. Desde menina, a música pulsava em suas veias. Amiga de infância de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethânia, cresceu envolta nos acordes e nas melodias que iriam revolucionar a música brasileira.

Nos anos 1960, Gal Costa mergulhou de cabeça no movimento tropicalista, um caldo cultural que misturava samba, rock, psicodelia e regionalismos. Com o álbum “Tropicália ou panis et circenses” (1968), ao lado de Caetano, Gil, Tom Zé e Os Mutantes, ela ajudou a redefinir os rumos da MPB. Sua voz era o sopro de liberdade e inovação que o Brasil tanto precisava.

Mas foi em “Gal Costa” (1969), seu álbum solo, que o samba ganhou uma nova diva. Com “Baby” e “Divino maravilhoso”, ela mostrou que podia transformar qualquer estilo em ouro puro. Sua interpretação de “Que pena (ele

já não gosta mais de mim)”, de Jorge Ben Jor, é samba na alma, com um toque de melancolia e sensualidade que só Gal podia dar.

A década de 1970 foi um período de consagração. “Legal” (1970), “Fa-Tal – Gal a todo vapor” (1971) e “Índia” (1973) são marcos de uma voz que se tornou sinônimo de inovação. Em “Índia”, misturou ritmos, cantando sambas, boleros e músicas indígenas, sempre com aquela ginga que só o samba pode ter. “Vapor barato”, uma das faixas, é uma verdadeira declaração de amor e dor, um samba-canção de cortar o coração.

Ela é uma sambista de essência, mesmo quando se aventura por outros ritmos. Em “Cantar” (1974), ela trouxe de volta o samba em “Barato total” e “Flor de maracujá”, mostrando que o samba não é só batuque, é poesia e sentimento. Sua voz atravessa cada nota como um pandeiro que marca o compasso do coração.

Nos anos 1980, continuou a inovar, mas nunca deixou o samba de lado. “Bem Bom” (1985) e outras canções são prova de sua versatilidade e paixão pelo ritmo brasileiro. O samba estava lá, pulsando em suas veias, mesmo que o cenário musical estivesse mudando.

A força do samba na sua voz é incontestável. Em “Plural” (1990) e “O sorriso do gato de Alice” (1993), ela passeou por diferentes estilos, mas sempre com o samba como fio condutor. “Brasil” e “Pérola negra” são exemplos de como o samba pode ser reinventado e atualizado, sem perder sua essência.

Ela é a voz que canta o Brasil. Seu amor pelo samba é evidente em cada nota, em cada interpretação. Em “Estratosférica” (2015) e “A pele do futuro” (2018), ela prova que o samba não tem idade, é eterno. “Palavras no corpo” e “Cuidando de longe” são sambas contemporâneos, com a marca inconfundível de uma diva que nunca deixou de inovar.

A voz de Gal é um patrimônio da música brasileira. Seu samba é único, cheio de vida e emoção. Ela canta o samba como quem conta uma história, com verdade e paixão. É a prova de que o samba é uma forma de arte que atravessa gerações, se renova e se mantém sempre vivo.

E assim, Gal Costa continua a nos encantar com sua voz singular, levando o samba a novos horizontes e mantendo viva a chama da música brasileira. O samba na sua voz é mais que música, é vida, é alma, é Brasil.



Direitos: Creative Commons.

De “Morena de Angola” ao “Mar serenou”, Clara Nunes em um mar de música e cultura

Sofia Vitória Lopes



Jornal Estado de Minas.

Uma das grandes vozes brasileiras de samba e MPB, a cantora mineira de Caetanópolis, Clara Francisca Gonçalves, tornou-se uma das maiores vozes com representatividade brasileira.

Clara nasceu em 1942 e vivia com seus pais e seus sete irmãos mais velhos, seu pai o Mané Serrador (como era conhecido), marceneiro, violeiro e que participava das Folias de Rei, faleceu em 1944 e em

poucos dias sua mãe também. Ao se tornar órfã, foi criada pela irmã, Maria Gonçalves (apelidada carinhosamente pela irmã de Dindinha), e pelo seu irmão José (ou Zé Chilau, que é como o conheciam).

Quando criança, Clara Nunes foi catequizada e fazia parte do coro em latim na matriz da Cruzada Eucarística. Com quatorze anos começou a trabalhar no mesmo lugar que o pai trabalhava; porém, ao se mudar para Belo Horizonte, após mais dois anos em Caetanópolis, ela participava do coro da Igreja Renascença, trabalhava como tecelã e cursava durante a noite, vivendo junto dos irmãos, Vicentina e Joaquim.

A cantora Clara Francisca, em 1966, interpretou “Amor quando é amor”, no filme “Na onda do iê-iê-iê”, e, no próximo ano, ela apareceu, no cinema, com o filme do J. B. Tanko: “Carnaval Barra Limpa”, no qual interpretou a marcha “Carnaval na onda”.

Finalizou sua carreira nos cinemas e deixou de participar do movimento Jovem Guarda, em 1968, com a interpretação de “Não consigo te esquecer”, de Elizabeth, no filme “Jovens Pra Frente”, de Alcino Diniz. Entretanto, continuou cantando samba desde então, por influência de Ataulpho Alves e Adelzon Alves e, ademais, porque, quando criança, ouvia grandes cantoras: Elizeth Cardoso e Dalva de Oliveira, além de Carmem Costa e a Ângela Maria.



Globo.com.

Contudo, ela não foi só cantora de samba e MPB: ela já cantou bolero, esteve em programas de rádio e de TV, participou e gravou para escolas de samba, principalmente a Portela (pois era a escola de sua torcida), também pesquisou sobre a Música Popular Brasileira e viajou para África, a fim de conhecer as culturas, as danças típicas e as tradições de lá.

Clara Francisca Gonçalves adotou o nome artístico usando o sobrenome da mãe e, antes de sua morte, construiu um teatro junto de seu marido, Paulo César Pinheiro, e o nomeou com seu nome artístico: Teatro Clara Nunes.

Após a sua morte, sua irmã, Maria Gonçalves, juntou vestimentas, objetos e pertences pessoais da Clara e criou um acervo em memória da irmã mais nova. A cidade de Caetanópolis criou um memorial em 2004, o “Memorial Clara Nunes”, com os pertences dela, arrecadados com a ajuda de parentes, fãs, amigos e pessoas próximas a ela. Em 2012, ela teve outro memorial inaugurado em Minas Gerais. Teve também no Rio de Janeiro o Mergulhão de Clara Nunes (passagem subterrânea) e uma segunda edição do livro “Clara Nunes – a guerreira da utopia”, para comemorar os seus 70 anos.

Em 2018, a artista teve um documentário estreado, chamado “Clara Estrela”, completando suas homenagens. No ano de 2023, foi estrelada uma peça teatral musical chamada “Uma DeCLARAção de amor – 40 anos de saudades” e, neste ano, já foi lançada uma fotobiografia sua na quadra da Portela.

A musicista trouxe um grande repertório para a cultura brasileira, todavia, encontrou dificuldades durante uma cirurgia de varizes, quando efeitos da anestesia causou sua morte. Ela faleceu nova, com apenas 40 anos, deixando sua herança musical para o nosso país.

Só mais um pouquinho da Clara

A cantora conquistou um prêmio no concurso “A Voz de Ouro ABC”, com a música de Vinícius de Moraes “Serenata do adeus” e, na segunda vez, com a música “Só adeus”, de Jair Amorim e Evaldo Gouveia. Ela também cantava a música “Apesar de você”, de Chico Buarque. Seu repertório abrange mais de 250 músicas.

Ao ser reconhecida por Jadir Ambrósio, ele a levou para programas famosos, inclusive o “Degraus da Fama”. E ainda teve um programa próprio, chamado “Clara Nunes Apresenta”.



Em 1973, lançou o LP “Clara Nunes”. Nesse mesmo ano, estreou o show “O poeta, a moça e o violão”, juntamente com Vinicius de Moraes e Toquinho, no Teatro Castro Alves, em Salvador. Também em 1973, foi convidada pela rádio e pela televisão portuguesa a fazer shows em Portugal, cumprindo uma temporada em Lisboa, quando percorreu alguns outros países da Europa, como a Suécia, onde gravou um especial ao lado da Orquestra Sinfônica de Estocolmo para a TV local.

Clara Nunes foi uma mulher cheia de conquistas e muito trabalho.

Algumas de suas canções famosas são: “O mar serenou”, “Morena de Angola”, “A flor da pele”, “Na linha do mar”, “Tristeza pé no chão”, “Meu sapato já furou”, “É baiana” e “Alvorada”. Entre outras muitas, mas vale a pena pesquisar e ouvir um pouco da voz que traz cultura.



Clara Nunes no Zicartola.

Simone, a potente Cigarra da MPB

Marcelo Cristiano Acri

Nascida em Salvador (BA), no dia 25 de dezembro de 1949, Simone Bittencourt de Oliveira, conhecida artisticamente como Simone, é uma das vozes mais icônicas da Música Popular Brasileira. Desde cedo, demonstrou talento para as artes, mas foi no esporte que encontrou sua primeira paixão: como jogadora de basquete, chegou a defender a seleção baiana, antes de descobrir que sua verdadeira vocação estava na música.



Direitos: Creative Commons.

Em 1972, Simone trocou as quadras de basquete pelos palcos da vida artística ao lançar seu álbum de estreia, “Simone”. Seu talento foi imediatamente reconhecido e a música “Bandeira Branca” tornou-se um sucesso, marcando o início de uma carreira promissora. Com uma voz potente e emocional, Simone conquistou o público e a crítica, firmando-se como uma das grandes intérpretes da MPB.

A década de 1970 foi crucial para a sua consolidação no cenário musical. Em 1973, lançou “Quatro Paredes”, seguido por “Gotas d'Água”, em 1975, que trouxe clássicos como “O que será (à flor da pele)”, de Chico Buarque. A parceria com Chico seria um dos pontos altos de sua carreira, resultando em interpretações inesquecíveis que ajudaram a popularizar a obra do compositor.

Ela ganhou notoriedade pela qualidade de sua voz e pela capacidade de se reinventar e explorar diferentes estilos musicais. Nos anos 1980, seu sucesso alcançou um novo patamar com o álbum “Cristal” (1985), que incluiu a famosa “Então é Natal”, uma versão brasileira da canção “Happy Xmas (war is over)”, de John Lennon e Yoko Ono. A canção se tornou um clássico natalino no Brasil, sendo tocada incessantemente durante as festividades de fim de ano.

O álbum “Pedaços” (1979) consolidou sua fama, especialmente com a faixa “Começar de novo”, de Ivan Lins e Vítor Martins, tema de abertura da novela global “Malu Mulher”. Essa canção, além de ser um enorme sucesso, simbolizou a luta pela liberdade e pelos direitos das mulheres, temas que Simone frequentemente abordava em seu repertório, refletindo seu compromisso com questões sociais e políticas.

Durante os anos 1980, tornou-se uma das artistas mais populares do Brasil, lotando shows em todo o país e ganhando reconhecimento internacional. Suas apresentações eram verdadeiros espetáculos, combinando talento vocal com uma presença de palco cativante. A tour “Sedução” (1980) e o álbum ao vivo “Simone ao vivo” (1982) são marcos dessa fase brilhante de sua carreira.

A sua versatilidade é evidenciada em sua vasta discografia, que abrange mais de 30 álbuns de estúdio, ao vivo e coletâneas. Ela navegou por diferentes estilos musicais, desde o samba ao pop, sempre mantendo uma qualidade impecável em suas interpretações. Parcerias com compositores como Milton Nascimento, Gilberto Gil e Caetano Veloso enriqueceram ainda mais seu repertório, consolidando sua posição como uma das grandes intérpretes da MPB.

A partir dos anos 1990, Simone continuou a reinventar-se, explorando novos caminhos musicais e colaborando com artistas de diferentes gerações. Álbum após álbum, ela demonstrou uma capacidade única de se adaptar às mudanças do cenário musical sem perder sua essência. Canções como “Vento Nordeste” e “Iolanda” continuam a emocionar o público, refletindo sua habilidade de tocar os corações com interpretações profundas e sensíveis.

Além de sua carreira musical, também se destacou por seu ativismo: sempre foi uma defensora dos direitos das mulheres, da comunidade LGBTQ+ e das causas sociais. Sua voz, tanto no sentido literal quanto figurativo, serviu como instrumento de transformação, inspirando gerações a lutar por um mundo mais justo e inclusivo.

A longevidade de Simone no cenário musical é um testemunho de sua relevância e talento. Mesmo após cinco décadas de carreira, ela continua a atrair um público fiel e diversificado. Suas turnês e lançamentos são aguardados com entusiasmo, comprovando que a “Cigarra da MPB” ainda tem muito a oferecer ao mundo da música.

Com sua voz marcante e sua presença poderosa, permanece uma figura central na música popular brasileira. Sua trajetória é uma inspiração para novos artistas e uma prova de que o verdadeiro talento é atemporal. Sua contribuição para a cultura brasileira é imensurável e seu legado certamente perdurará por muitas gerações.

Hoje, continua a encantar o público com sua arte, levando adiante a tradição da MPB e renovando-se constantemente. Sua história é uma celebração da música e da vida, uma jornada de paixão, talento e perseverança que ecoa no coração de todos os que têm o privilégio de ouvi-la.



Direitos: Creative Commons.

Marisa Monte, a versatilidade e a elegância da MPB

Gessiely Aparecida Sperandio



Direitos: Creative Commons.

Marisa Monte, um dos nomes mais respeitados e influentes da música popular brasileira, nasceu em 1º de julho de 1967, no Rio de Janeiro. Desde cedo, a música fazia parte de sua vida. Filha de um engenheiro da TV Globo e de uma professora de música, cresceu em um ambiente no qual a arte e a cultura eram valorizadas. Sua formação musical iniciou-se ainda na infância, com aulas de piano e canto.

Aos 19 anos, mudou-se para a Itália para estudar canto lírico, mas rapidamente percebeu que seu verdadeiro interesse estava na música popular. Retornou ao Brasil e, em 1987, apresentou-se em uma série de shows que chamaram a atenção da crítica e do público. Seu talento excepcional e a capacidade de transitar entre diversos gêneros musicais logo a destacaram no cenário musical brasileiro.

Em 1989, Marisa lançou seu primeiro álbum, “MM”, gravado ao vivo. O disco foi um sucesso

instantâneo, revelando sua habilidade como intérprete e conquistando um vasto público. O repertório variado, que incluía desde canções clássicas da MPB até hits do pop internacional, mostrou a sua versatilidade e capacidade de reinventar-se a cada performance.

O segundo álbum, “Mais”, lançado em 1991, consolidou sua carreira. Com produção de Arto Lindsay e participações de grandes nomes da música brasileira, como Gilberto Gil e Arnaldo Antunes, o disco trouxe sucessos como “Beija eu” e “Ainda lembro”. A canção “Mais” foi um marco na carreira de Marisa Monte, elevando-a ao status de uma das principais vozes da MPB contemporânea.

Ao longo dos anos 90, ela continuou a evoluir artisticamente. Em 1994, lançou “Verde, anil, amarelo, cor-de-rosa e carvão”, um álbum que recebeu aclamação crítica e comercial. Esse trabalho destacou a diversidade musical

de Marisa, incorporando elementos de samba, pop e rock. Canções como “Segue o seco” e “Dança da solidão” são exemplos de sua habilidade em combinar tradição e modernidade.

Em 2000, lançou “Memórias, crônicas e declarações de amor”, mais um sucesso de público e crítica. O álbum trouxe hits como “Amor I love you” e “O que me importa”, consolidando sua reputação como uma das artistas mais versáteis e talentosas da música brasileira. Sua capacidade de explorar diferentes estilos e temas, sempre com elegância e sofisticação, tornou-se uma marca registrada.



Direitos: Creative Commons.

Além de sua carreira solo, Marisa Monte é conhecida por seu trabalho com os Tribalistas, ao lado de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown. O álbum homônimo, lançado em 2002, foi um fenômeno de vendas e recebeu diversos prêmios. Canções como “Já sei namorar” e “Velha infância” tornaram-se clássicos instantâneos, mostrando a química perfeita entre os três artistas.

Marisa Monte também se destacou como produtora musical e empresária. Fundou seu próprio selo, a Phonomotor, através do qual lançou diversos de seus trabalhos e de outros artistas. Sua visão empreendedora e seu compromisso com a qualidade artística influenciaram toda uma geração de músicos e produtores no Brasil.

Nos anos 2010, continuou a surpreender e encantar o público. Lançou álbuns aclamados como “O que você quer saber de verdade” (2011) e “Coleção” (2016), uma compilação de raridades e colaborações. Sua capacidade de se reinventar e explorar novas sonoridades manteve sua música sempre relevante e atual.

Essa estrela é também reconhecida por seu engajamento em causas sociais e culturais. Participa ativamente de projetos de preservação do patrimônio cultural brasileiro e de iniciativas em prol dos direitos humanos. Seu trabalho vai além da música, refletindo um compromisso com a transformação social e a valorização da cultura brasileira.

Hoje, com mais de três décadas de carreira, Marisa Monte continua a ser uma referência na música popular brasileira. Sua voz inconfundível, seu talento como compositora e intérprete e sua habilidade de se conectar com diferentes gerações de fãs garantem seu lugar no panteão dos grandes artistas brasileiros. Marisa Monte não é apenas uma cantora: é um ícone cultural cuja influência e legado perdurarão por muitos anos.

Adriana Calcanhotto, a poesia em forma de canção

Marcelo Cristiano Acri



Direitos: Creative Commons.

Adriana Calcanhotto nasceu em Porto Alegre (RS), no dia 3 de outubro de 1965, trazendo consigo a brisa suave do sul e um coração pulsante de versos e melodias. Sua trajetória é uma sinfonia de palavras que se entrelaçam com acordes, criando um universo onde a poesia e a música se fundem em perfeita harmonia.

Desde cedo, Adriana foi abraçada pelo manto da arte. Filha de um baterista de jazz e de uma bailarina, cresceu em um ambiente em que a música era tão essencial quanto o ar que respirava. Essa atmosfera artística moldou sua alma, tornando-a uma sensível intérprete dos sentimentos humanos. Seu talento floresceu naturalmente, como uma flor que se abre ao primeiro raio de sol.

Em 1990, lançou seu primeiro álbum, “Enguiço”, uma obra que já anunciava seu dom para transformar o cotidiano em poesia cantada. A suavidade de sua voz, aliada a letras que desnudavam a alma, cativou o público e a crítica. “Naquela estação”, um de seus primeiros sucessos, é uma prova de sua capacidade de capturar a essência das emoções humanas em cada verso.

Cada álbum seu é como um novo capítulo de um livro de poesias. Em “Senhas” (1992), explorou a profundidade dos sentimentos com uma sensibilidade única, presente em canções como “Esquadros” e “Metade”. Suas letras são retratos intimistas da vida, pintados com as cores da melancolia, do amor e da introspecção.

A poética de Adriana Calcanhotto não conhece fronteiras. Em “A fábrica do poema” (1994), ela convidou os ouvintes a mergulharem em um oceano de versos, no qual cada canção é uma pérola de lirismo. Com “Vambora”, ela nos leva por caminhos de saudade e despedida, enquanto “Mentiras” revela as facetas do engano com uma delicadeza cortante.

Adriana é uma alquimista das palavras, capaz de transformar o trivial em sublime. Em “Maritmo” (1998), ela nos embala com a serenidade das águas e nos conduz por um passeio marítimo em que cada onda é uma canção. “Mais feliz” e “Vai saber?” são marolas de felicidade e dúvida, dançando sob a luz do luar.

Com “Cantada” (2002), Adriana nos presenteia com uma obra madura e sofisticada. “Devolva-me” e “Cantada” são canções que revelam sua capacidade de reinventar-se, sempre fiel à sua essência poética. Sua voz é um sussurro que ressoa profundamente em nossos corações, ecoando as verdades universais da existência humana.

A multifacetada artista também é autora de livros infantis, nos quais a magia das palavras ganha vida para encantar os pequenos leitores. “Antologia ilustrada da poesia brasileira” é um exemplo de sua dedicação em disseminar a beleza da poesia para todas as idades, mostrando que a arte é uma ponte que une gerações.

Em “Maré” (2008) e “Micróbio do samba” (2011), ela continua a explorar novos horizontes musicais, sempre com a mesma maestria. Cada canção é uma maré que nos leva a novos portos, onde o samba e a bossa nova se encontram em uma dança harmoniosa. “Tua” e “Motivos reais” são joias que brilham com a intensidade de sua poesia.

A sua poesia transcende o tempo e o espaço. Em “Margem” (2019), ela nos convida a navegar pelas margens da vida, onde cada canção é uma reflexão sobre a impermanência e a beleza do momento presente. Sua voz é um farol que ilumina nossos caminhos, guiando-nos por mares de emoção e introspecção.

Adriana Calcanhotto é uma poeta da canção, uma artista que nos toca profundamente com sua sensibilidade e talento. Suas músicas são versos que dançam ao som do coração, transformando o cotidiano em arte e a vida em poesia. Cada acorde é uma palavra, cada melodia um sentimento, e em sua obra, encontramos um espelho onde refletimos nossa própria existência.

Assim, continua a nos encantar com sua voz suave e suas letras profundas, lembrando-nos de que a música é, acima de tudo, uma celebração da vida e de todas as suas nuances. Em cada canção, ela nos convida a sonhar, a refletir e a nos emocionar, tecendo uma tapeçaria de sons e palavras que ficará para sempre gravada em nossos corações.



Direitos: Creative Commons.

Ana Carolina, a voz que transborda emoção

Gessiely Aparecida Sperandio



Direitos: Creative Commons.

Ana Carolina Sousa, conhecida artisticamente como Ana Carolina, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, no dia 9 de setembro de 1974. Desde cedo, a música foi seu refúgio e expressão, uma forma de traduzir as emoções que transbordavam de seu coração. Com uma voz profunda e inconfundível, ela se estabeleceu como uma das maiores cantoras e compositoras da música brasileira contemporânea.

Ela cresceu em uma casa onde a música era sempre presente. Influenciada por sua avó, que tocava violão e cantava, ela começou a se interessar por música ainda na infância. Aos 12 anos, ganhou seu primeiro violão e, desde então, nunca mais parou de tocar e compor. A música se tornou sua linguagem, um meio de explorar e expressar sua alma inquieta.

Em 1999, lançou seu álbum de estreia, “Ana Carolina”, e imediatamente conquistou o público e a crítica com sua voz potente e letras introspectivas. Canções como “Garganta” e “Tô saindo” revelaram uma artista capaz de capturar a profundidade das emoções humanas com uma honestidade brutal e uma musicalidade rica.

A sua trajetória é marcada por álbuns que são verdadeiros diários de suas vivências e reflexões. Em “Ana Rita Joana Iracema e Carolina” (2001), ela explorou a multiplicidade do ser feminino, tecendo histórias que falavam de amor, dor e autodescoberta. “Quem de nós dois”, uma das faixas mais emblemáticas, tornou-se um hino de corações apaixonados e despedaçados.

Com “Estampado” (2003), solidificou sua posição como uma das grandes vozes de sua geração. As músicas “Pra rua me levar” e “Uma louca tempestade” são declarações intensas de liberdade e desejo, mostrando uma artista em constante evolução, sem medo de se reinventar e explorar novos territórios musicais.

Ana Carolina é uma poeta da música, uma intérprete que faz de cada canção um mergulho profundo na alma humana. Em “Dois quartos” (2006), ela dividiu seu universo musical em dois discos, revelando facetas distintas de sua criatividade. “Rosas” e “Carvão” são canções que navegam pelas águas turbulentas do amor e da solidão, refletindo uma maturidade artística e emocional.

A sua música é permeada por uma sensualidade que seduz e cativa. Sua voz grave e aveludada é capaz de transmitir tanto a doçura quanto a intensidade de uma paixão. Em “N9ve” (2009), ela explorou novas sonoridades e

colaborou com artistas internacionais, expandindo ainda mais os horizontes de sua arte. “Entreolhares (the way you’re looking at me)” e “Dentro” são provas de sua versatilidade e talento inigualáveis.

Além de sua carreira solo, também se destacou por parcerias memoráveis com outros grandes nomes da música brasileira. Sua colaboração com Seu Jorge em “Ana & Jorge” (2005) resultou em um dos álbuns mais aclamados da década, com canções como “É isso aí” tocando fundo nos corações de seus ouvintes. A química entre os dois artistas é palpável, criando uma obra-prima de intimidade e conexão.

Ana Carolina é uma artista que não tem medo de se expor e de compartilhar suas verdades. Em “Ensaio de cores” (2019), ela voltou a surpreender com composições que falam de amor, dor e redenção. Sua música é uma confissão sincera, uma conversa íntima com seus ouvintes, onde cada nota e cada palavra carregam um pedaço de sua alma.

Além de cantora e compositora, esse ícone também é uma instrumentista talentosa, tocando violão, guitarra, pandeiro e contrabaixo. Sua habilidade com os instrumentos adiciona uma camada extra de profundidade às suas performances, tornando cada apresentação ao vivo uma experiência única e inesquecível.

Ela é mais que uma cantora; é uma contadora de histórias, uma cronista das emoções humanas. Sua voz é um instrumento de poder e sensibilidade, capaz de tocar os cantos mais profundos do coração. Com cada álbum, ela nos convida a uma viagem introspectiva, onde podemos explorar nossas próprias emoções e reflexões.

Hoje, continua a inspirar e emocionar com sua arte. Sua música é um reflexo de sua vida, de suas experiências e de sua busca constante por verdade e autenticidade. Ela é uma prova viva de que a música tem o poder de transformar, de curar e de unir as pessoas em uma celebração da vida e do amor.

Ana Carolina, com sua voz única e suas letras profundas, permanece uma figura central na música brasileira, uma artista cuja obra ressoa com a beleza e a complexidade da alma humana. Sua trajetória é um testemunho de talento, coragem e paixão, e sua música continuará a tocar os corações de gerações por vir.



Direitos: Creative Commons.